



CATÁSTROFE NO HIMALAIA

Nepal faz apelo contra a mudança climática

Chanceler pede à comunidade internacional a formação de uma aliança para combater o aquecimento global. Colapso de geleira, deslizamento de encosta e inundação mataram pelo menos 680. Número de desaparecidos passa de 3 mil

» RODRIGO CRAVEIRO

A fotografia suja de duas crianças deixada sobre uma colchão coberto de terra endurecida. Um retrato de cabeça para baixo abandonado na parede de uma casa destruída pela enxurrada. Um coelho de pelúcia encontrado na margem do rio. A imensa parede de lama arrastou tudo pela frente e deixou para trás pedaços de memórias de famílias que desapareceram em segundos, além de um alerta sobre o impacto devastador do aquecimento global. Enquanto o Nepal registrava 680 mortos e mais de 3 mil desaparecidos depois do colapso da geleira, do deslizamento de terra e da consequente inundação de quarta-feira, o ministro das Relações Exteriores do país fazia um apelo ao mundo. “O Nepal emite menos de 0,01% dos gases do efeito estufa, mas nós, o povo nepalês, estamos entre as maiores vítimas da mudança climática. Apelamos à comunidade internacional para que se una na proteção dos ecossistemas do Himalaia”, declarou Shisir Khanal, que conversou por telefone com o chanceler chinês, Wang Yi, sobre a catástrofe.

Wang afirmou que a China compartilhou com o governo nepalês “informações cruciais, incluindo imagens da área do desastre, dados de satélite e hidrológicos, bem como alertas antecipados sobre lagos de barreira a montante”. “A China e o Nepal estão unidos por montanhas e rios, compartilhando um destino comum”, destacou. Ainda que a exata razão para o colapso não ter sido definida, a mudança climática causa o derretimento de geleiras em todo o mundo e desestabiliza a Cordilheira do Himalaia.

Geólogo da Universidade Graz (na Áustria), Jakob Steiner classificou como correta a decisão de Shisir Khanal. “Os nepaleses estão certos em apelar por uma aliança contra a mudança climática. Eventos como o da última quarta-feira somente poderão ser evitados se todos os países mudarem o comportamento. O Nepal, sozinho, não pode provocar essa transformação”, disse ao **Correio**. “O recuo das geleiras causado pelo aquecimento global aumentou a probabilidade de tragédias como as de última quarta-feira tornarem a ocorrer, ao expor a rocha que cedeu.”

Secretário-executivo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, Simon Stiell declarou que “o colapso

Manan Vatsyayana/AFP



Socorrista observa prédios destruídos pela torrente de lama, em Trishuli Bazar, no distrito de Nuwakot: chuvas complicam operações de buscas

Manan Vatsyayana/AFP



Foto de família colocada sobre colchão coberto de lama em Devighat

repentino da geleira e a enxurrada súbita são um lembrete devastador de quão frágeis podem ser esses ambientes montanhosos”. “Sabemos que o aquecimento global, provocado pela queima de quantidades colossais de carvão, petróleo e gás pela humanidade, está tornando tragédias como essa, e tantas outras em todo o mundo, muito mais prováveis, frequentes e graves, e que as comunidades vulneráveis

são muitas vezes as mais afetadas”, ressaltou o chefe de clima da ONU. Entre os mais de 3 mil desaparecidos desde quarta-feira, estão 898 nepaleses que trabalhavam em projetos de uma usina hidrelétrica na fronteira entre China e Nepal. Muitos operários estariam presos em túneis escavados às margens de rios. O governo nepalês solicitou a ajuda de especialistas chineses e indianos para somar esforços nas

Prakash Mathema/AFP



Retratos de mortos e desaparecidos diante de hospital de Katmandu

tentativas de resgate dos operários. Ontem, socorristas bombeavam ar para dentro de uma das centrais hidrelétricas em obras.

Decomposição

O ministro Shisir Khanal também pediu ontem que outros países enviem freezers para a conservação dos corpos. “Existe o risco de rápida decomposição, porque

os cadáveres ficaram na água por um longo período”, comentou. A emissora britânica BBC divulgou que sepultamentos ocorrem em distintas regiões do Nepal. “Decidiu-se enterrá-los sistematicamente em áreas governamentais, comunitárias ou florestais, para que os corpos e restos mortais possam ser entregues àqueles que vierem procurá-los mais tarde”, anunciou um porta-voz do Ministério da Saúde.



O Nepal emite menos de 0,01% dos gases de efeito estufa, mas nós, o povo nepalês, estamos entre as maiores vítimas da mudança climática"



Apelamos à comunidade internacional para que se una na proteção do ecossistema do Himalaia"

Shisir Khanal, ministro das Relações Exteriores do Nepal

O chanceler nepalês estima que a reconstrução das áreas afetadas custará “vários bilhões de dólares”.

A força da enxurrada de lama foi tamanha que sete corpos foram encontrados dezenas de quilômetros rio abaixo, no norte da Índia. “As pessoas querem recuperar os corpos de seus parentes, vivos ou mortos, mas não conseguimos encontrá-los (...) elas só veem a lama”, disse Kawan Koirala, membro da Equipe de Resposta a Desastres no Nepal, em entrevista à agência France-Press (AFP), ao admitir que as buscas prosseguem com dificuldade. “É muito traumático para mim também. É a primeira vez que vejo algo assim. Tem lama por toda parte. Já tivemos enchentes no Nepal antes, mas não como esta”, acrescentou.

A inundação atingiu vilarejos e deixou milhares de desabrigados à margem do rio. “Minha família, felizmente, está a salvo. Mas perdemos a nossa casa e tudo o que tínhamos foi devastado. Estamos tentando descobrir como reconstruir nossas vidas”, afirmou ao **Correio** Sonu Adhikari. Ela contou que estava em Katmandu no momento da catástrofe e conseguiu ter notícias dos pais. “Eles conseguiram correr para fora de casa.”

EUA-VENEZUELA

Suspeita e dúvidas diante do acordo petrolífero "histórico"

O “histórico” acordo petrolífero firmado entre Washington e Caracas, que permitirá aos Estados Unidos operar campos de petróleo, provoca dúvidas e desconfiança entre a população diante do sigilo estatal, mas também esperança de uma tão aguardada recuperação econômica. Na sexta-feira, o presidente Donald Trump anunciou que os EUA terão o controle majoritário de 65 bilhões de barris das reservas de petróleo da Venezuela, no que descreveu como “o maior acordo petrolífero da história”. O montante equivale a um quinto do total de petróleo da Venezuela.

Caracas detalhou que o acordo envolve 17 “campos

estratégicos” e um investimento privado de US\$ 100 bilhões (cerca de R\$ 520 bilhões), destinados a revitalizar a deteriorada indústria do país com as maiores reservas comprovadas de petróleo do mundo. A negociação desperta preocupações entre os simpatizantes do chavismo, ao ser concretizada em meio à forte pressão exercida pelo EUA sobre o governo interino de Delcy Rodríguez, que assumiu o poder em janeiro depois da captura de Nicolás Maduro em uma operação americana.

Apesar da desconfiança de alguns militantes, o governista Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) reafirmou seu apoio à

Kent Nishimura/AFP



Trump disse que transação “mais do que dobrará reservas americanas”

decisão. “Acompanhamos os mecanismos de recuperação produtiva que priorizam os interesses nacionais e permitam superar o impacto de mais de uma década de sanções econômicas, medidas coercitivas unilaterais e bloqueios injustos”, diz um comunicado publicado pela legenda governista.

Pressionada por Washington, Rodríguez promoveu nos últimos meses reformas nos setores de petróleo e mineração que abrem essas indústrias, antes zelosamente controladas pelo Estado, ao capital privado, especialmente estrangeiro. Ao mesmo tempo, Washington aliviou as sanções petrolíferas que haviam imposto durante o governo de Maduro.

A produção de petróleo reagiu com um aumento de 29,8% de janeiro a julho, quando a Venezuela atingiu 1,2 milhão de barris por dia, ainda muito distante dos 3 milhões que extraía no fim do século passado. O acordo busca recuperar esses picos de produção, mas analistas concordam que isso só acontecerá no longo prazo. “O aumento da produção não será visto pelo menos (em) três, quatro anos”, estima o engenheiro Oswaldo Felizzola, especialista em petróleo do Instituto de Estudios Superiores de Administración. “Se não fosse assim, esses campos não seriam explorados nos próximos 10 ou 15 anos porque a PDVSA não tem os recursos financeiros para fazê-lo.”